

Para além da ficção

DAR VISIBILIDADE INTERNACIONAL AO DOCUMENTÁRIO

PORTUGUÊS E DENUNCIAR OS CORTES ORÇAMENTAIS

SÃO OBJECTIVOS DA PUBLICAÇÃO



NATACHA LOUREIRO

A DÉCADA DE 90 foi marcada por um "boom" de documentários portugueses. Para que esta tendência não regrida, o DocLisboa, Festival Internacional de Cinema Documental, volta a realizar-se em Outubro e já foi lançada a "Docs.pt", revista especializada de filmes documentais, uma responsabilidade da Apordoc com o apoio do ICAM.

Hoje, o documentário começa a ser objecto de culto e debates devido à falta de financiamento com que os realizadores e produtores são confrontados. Visibilidade, reconhecimento internacional e melhores condições de produção são lutas travadas pelos mesmos e pela Associação Portuguesa de Documentário.

Um olhar pela Europa, leva-nos a perceber as disparidades que existem entre Portugal e os restantes países. De facto, o investimento médio europeu para um documentário oscila entre os 100 e os 200 mil euros, já em Portugal não ultrapassa os 60 mil euros.

O Instituto Português de Cinema (ICAM) tem sido a única fonte de financiamento para o documentário em Portugal, até porque as televisões, que deveriam ser as principais interessadas, participam "com pequenas migalhas", acusa Serge Tréfaut.

A Cinemateca foi o local escolhido por Serge Tréfaut, Ana Isabel Strindberg e Nuno Sena (direcção do DocLisboa) para apresentar o número zero da "Docs.pt".

Numa altura em que "Fahrenheit 9/11" de Michael Moore está para estreiar no país, esta revista apresenta uma importante vertente política. "O documentário é político e tem uma forte intervenção cívica. É fundamental fazermos esta apresentação no momento em que muitas pessoas estão desiludidas com a política

portuguesa", explica Tréfaut.

A "Docs.pt" visa estimular a discussão e reflexão e preencher o vazio de informação sobre o cinema documental. "Este é um grande desafio. Há muito tempo que queríamos criar um objecto de discussão e divulgação", explica o coordenador Serge Tréfaut.

Com uma periodicidade semestral e para que chegue aos quatro cantos do mundo, a "Docs.pt" é uma revista bilingue (português/inglês), vai ser apresentada no mercado Sunny Side of the Doc, em Marselha e no Festival Internacional de Documentário de Amsterdão. O número zero, composto por entrevistas a realizadores feitas por Maria de Medeiros e textos sobre documentários em fase de pré-produção, será distribuído gratuitamente em escolas de cinema e espaços ligados à Sétima Arte. As próximas publicações, vão estar à venda em livrarias especializadas por três euros.

Entretanto, o DocLisboa, regressa entre os dias 24 e 31 de Outubro, na Culturgest. Nuno Sena lembra que "esta é uma herança de Manuel Costa e Silva que fez os encontros do Mala Posta em Portugal".

O objectivo é contribuir para a descoberta e divulgação de novos cineastas, promover a exibição e circulação de obras, suscitar o interesse de instituições e do mercado e criar novos públicos. "No festival vão ser exibidos filmes premiados que não chegaram ao mercado português, mas não pretendemos que seja um festival de elites", explica Nuno Sena.

Composto por uma secção competitiva, cujo júri é presidido por Paulo Branco, o DocLisboa vai apresentar longas, médias e curtas metragens. Paralelamente vão decorrer outros três espaços: "Como entender o Médio Oriente?"; "O que é o Documentário Português?"; e "Foco Sobre Espanha". |